



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil



2017



PARTICULARIDADES DO IMPERIALISMO NO SÉCULO XXI: UM DEBATE ENTRE WOOD E NEGRI-HARDT.

Jean P. R. Miranda.

Resumo

A pesquisa que ora apresentamos buscou adentrar um sujeito clássico em economia política, o imperialismo, através de um debate particular sobre o seu estatuto no século XXI. Partimos de dois flancos — Ellen M. Wood, de um lado, e os coautores Antonio Negri e Michael Hardt de outro — que apresentam visões opostas sobre o sujeito: a primeira, discursa em nome da validade do conceito de "imperialismo" para a análise contemporânea das relações sócio-econômicas; os segundos, defendem uma atualização do campo conceitual em prol da idéia de "império", que, segundo eles, seria uma nomenclatura mais adequada para a nova realidade do Poder, conforme o conceitualizam. Ao justapor ambos os flancos, fomos obrigados a retornar às matrizes teóricas de cada um deles, buscando as raízes e inspirações de seus argumentos. Tal percurso, então, nos proporcionou a possibilidade de uma investigação mais detida sobre o marxismo; sobre as formulações clássicas do imperialismo; e finalmente sobre as correntes interpretativas do estruturalismo e pós-estruturalismo, que conforme constatamos, se desenvolveram no ambiente crítico francês do século passado e em contraposição à visão marxista de mundo — não obstante os incontáveis pontos de contato e concordância. Ainda, e como prevê a própria economia política, nosso objeto de pesquisa permitiu a reunião de saberes comuns à economia e à política, donde a mobilização conjunta dos conceitos de "capital", "poder", "globalização", "Estado", "estrutura produtiva", "soberania", o par dialético "força e relação produtivas", dentre outros.

Palavras-chave:

Imperialismo, Poder, Soberania.

Introdução

O tema do presente trabalho é o imperialismo no século XXI. A escolha do debate entre Wood e Negri-Hardt se justifica pela sua contemporaneidade; pelo embate franco e público dos autores, expresso nos textos de discussão consultados pela presente pesquisa; pelas matrizes de que advêm os autores, quais sejam, o marxismo político e o estruturalismo e pós-estruturalismo francês, todas elas resultantes de formulações atuais nos campos da história econômica e da filosofia política.

Resultados e Discussão

Nosso objeto de pesquisa nos possibilitou a imersão em duas matrizes teóricas centrais em ciências humanas, bem como nos colocou diante a evolução histórica de cada uma delas ao longo do século XX, em particular na década de 1960 no contexto revolucionário francês. São elas (1) o marxismo e (2) o estruturalismo — e seu rótulo posterior, o pós-estruturalismo.

No tocante à nossa pergunta inicial sobre o estatuto do imperialismo, enquanto conceito e realidade, no século XXI, concluímos que os marxistas como Ellen Wood estão mais propensos a defender sua validade ainda no contemporâneo, o que significa também um resgate dos argumentos clássicos do início do século XX, sobretudo sob a teorização de figuras como Lênin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, *et al.*; contrariamente, Negri e Hardt, apesar da formação e militância marxistas, se acercam principalmente das teorias estruturalistas e pós-estruturalistas, nas linhas de Foucault, Deleuze e Guattari, e tentam incutir o conceito de *império* em substituição ao de *imperialismo*.

O lado estruturalista do debate argumenta que, sob a globalização, a forma de exercício, autoridade e legitimação do Poder sofreu uma revolução, de modo que a soberania deste último se transferiu do meio exterior e doutrinador das instituições e passou a atuar

interiormente dentro dos próprios corpos, atravessando a todos e emanando de cada um, replicando seus valores e perenizando o mecanismo de controle social, tornando-o virtualmente automático, fazendo da reprodução da vida também a reprodução da ordem (*biopolítica*). O lado marxista insiste que, apesar das mudanças históricas, o sistema social não consegue se auto-regular sob o "império do capital", e que constantemente os Estados nacionais são reclamados a intervir na vida sócio-econômica de forma intrusiva e violenta, para disciplinar as práticas, os corpos e as mentes. Ao automatismo universalista da visão estruturalista, a autora marxista contrapõe um sistema que, embora tenda à autonomização do capital, exige constantes intervenções político-militares — o que no plano das relações internacionais ganha a imagem dos conflitos entre Estados, donde o exemplo paradigmático para ela são as intervenções imperialistas dos EUA no Oriente Médio.

Conclusões

Desde o início, a chave para compreensão do embate estava na concepção de *soberania* e seu locus: em Negri-Hardt, a soberania deixa de pertencer à instituição Estado, e passa a pertencer ao *império*, ente universal que tudo regula e a todos controla através do campo da biopolítica, de modo que *imperialismo* perde sua função analítica para o presente; já em Wood, a soberania continua alojada nos Estados-nação, que se confrontam em um contexto de autonomização incompleta do capital, disputando as novas regras e práticas para sua circulação e produção, donde re-emerge a importância do conceito de *imperialismo*.

Agradecimentos

Minha sincera gratificação aos meus pais, Vera e Aílton; ao meu orientador Carlos; à Unicamp e ao CNPq pelo fomento; e aos meus amigos.